

*Auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e  
balança*

### **Senhores. Senhoras. Cavaleiros e Amazonas**

Não consigo imaginar alguém presente nesta cerimônia, nesta homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, que não esteja pensando na falta que esse conterrâneo tem feito ao nosso Brasil. Uma falta gigantesca.

Por esse motivo, indago-me que homenagem fazer-lhe hoje? E concluo que melhor fora que na contemplação de sua figura, tivéssemos alento, para dias tão soturnos.

Como não viver hoje uma lembrança? Como não ver na lembrança uma denúncia? Como não entender essa denúncia face a uma realidade tão desconfortável? De qualquer forma Tiradentes nos enleva e por isso necessita comemorado.

Assalta-me uma certeza: não posso deixar-me levar pela razão. Não, já não há lugar para ela em nossos dias político-judiciários. A razão nos foi roubada. A razão está envolta em sangue. Já não lhe sobram espaços. Onde ela devia imperar, a garantir vida segura para todos, implantou-se supremo poder judiciário, incontestável, garantidor de que o crime compensa, de que nenhum sofrimento seja capaz de sensibilizá-lo. Já nenhum motivo existe para que os humanos se sintam seres pensantes. Pensar tornou-se um risco de lesa majestade, embora majestade não haja, de direito, em nenhum de seus protagonistas. Fomos reduzidos a espécies menores da natureza, conduzidos então sob a força do azorrague, que elimina qualquer vestígio de razão. Pobres desamparados

Não, não há como lembrar Tiradentes e vê-lo racional a lutar por uma nação livre. O homem, entre nós, está nu. A razão nos foi desqualificada. Assim, restam-nos as emoções. Ao corpo amordaçado, resta-lhe apenas um coração partido pela vergonha. Refugiemo-nos, pois, na emoção, ainda assim, com

enormes restrições, ainda assim, com olhos embebidos de ódio a nos contemplar, ameaçadores.

Mais que nunca a poesia nos é necessária para que a vida tenha ainda algum sentido. Poesia que faça nascer emoções amorosas, das quais nasceu-nos a linguagem, distintivo de nossa espécie. Linguagem, absurdo que seja, hoje contingenciada, violada, interceptada, proibida. Ah! Tiradentes, que falta.

Lembremo-nos, pois, do Alferes. Quem sabe da sua contemplação nos venham forças, luzes, coragem para enfrentarmos os dias sombrios que vamos vivendo, nos seus aspectos políticos, econômicos, sociais. Deixemo-nos levar...

*Por aqui passava um homem e como o povo se ria, que reformava este mundo de cima da montaria, que não passava de alferes de cavalaria e liberdade ainda que tardia nos prometia.*

*Passei por essas plácidas colinas e vi das nuvens, silencioso, o gado pascer nas solidões esmeraldinas.*

*Largos rios de corpo sossegado dormiam sobre a tarde, imensamente, e eram sonhos sem fim, de cada lado.*

*Entre nuvens colinas e torrentes uma angústia de amor estremecia a deserta amplidão na minha frente.*

*Que vento, que cavalo, que bravia saudade me arrastava a esse deserto, me obrigava a adorar o que sofria.*

*Passei por entre as grotas negras, perto dos arroios fanados, do cascalho cujo ouro já fora todo descoberto.*

**E que coisas contemplava o jovem alferes em suas andanças, já “Enlouquecido de esperança”?**

*Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas e há indagações minuciosas dentro das casas fronteiras.*

*Olhos colados aos vidros, mulheres e homens à espreita, caras disformes de insônia, vigiando as ações alheias.*

*Através de portas fechadas, à luz de velas acesas, brilham fardas e casacas, junto com batinas pretas.*

*Uns sugerem, uns recusam, uns ouvem, uns aconselham.*

**E, então, senhores e senhoras, serão essas imagens soltas ao vento ou fotografadas recentemente?**

*Vim trabalhar para todos, e abandonado me vejo. Todos tremem. Todos fogem. A quem dediquei meu zelo?*

**Eram os sentimentos de que era tomado Tiradentes:**

*a derramar esperanças por todos os lados. Mas ninguém mais se está rindo pois talvez ainda aconteça que ele por aqui não volte ou que volte sem cabeça.*

**Insistente, lúcido, audaz.**

*Ai, PALAVRAS, ai, palavras que estranha potência a vossa! Ai, palavras, sois de vento, ides no vento, no vento que não retorna.*

*Ai, PALAVRAS, sois pela estrada afora, erguendo asas muito incertas, entre verdade e galhofa, desejos do tempo inquieto, promessas que o mundo sopra.*

**Tiradentes via, enxergava, contemplava e extasiava-se:**

*Minas da minha esperança, Minas do meu desespero. Agarram-me os soldados como qualquer bandoleiro. Acusações, sentinelas; bacamarte, algema, escolta, o olho ardente da perfídia, a vela, na noite morta; a umidade dos presídios, a solidão pavorosa; duro ferro de perguntas com sangue em cada resposta; e a sentença que caminha, e a esperança que não volta, e o coração que vacila, e o castigo que galopa.*

**E os cavalos eram muitos**

*Eles eram muitos cavalos ao longo dessas grandes serras. De crinas abertas ao vento e galope entre águas e pedras. Eles eram muitos cavalos, rijos, destemidos, velozes, entre Mariana e Serro Frio, Vila Rica e Rio das Mortes.*

*Eles eram muitos cavalos, transportando no seu galope, coronéis, magistrados, poetas, furriéis, alferes, sacerdotes. E ouviam segredos e intrigas, e sonetos e liras e odes. Testemunhas sem depoimento, diante de equívocos enormes.*

*Eles eram muitos cavalos, entre Mantiqueira e Ouro Branco, desmanchado o xisto nos cascos, ao sol e à chuva pelos campos, levando esperanças, mensagens transmitidas de rancho em rancho.*

*Eles eram muitos cavalos entre sonhos e contrabandos alheios às paixões dos donos, pousando os mesmos olhos mansos nas grotas repletas de escravos, nas igrejas cheias de santos.*

*Eles eram muitos cavalos e alguns postos à venda. Outros ficaram nos seus pastos, houve uns que depois da sentença levaram o Alferes cortado, em braços, pernas e cabeça. E partiram com sua carga na mais dolorosa inocência.*

**Meu Deus, isso é poesia que canta um tempo passado? Ou será isso a realidade, sem poesia, de um tempo presente?**

*Se já vai longe a alvorada então, por que tarda o dia?  
Que negrume se levanta e com sua forma espanta a luz que o mar anuncia.*

*Quando a desgraça é profunda que amigo se compadece.  
Tanta serra cavalgada! Tanto palude vencido!*

*Tanta ronda perigosa, em sertão desconhecido! E agora é um simples alferes louco, sozinho e perdido. Sábios, ilustres, ardentes, quando tudo era esperança. E, agora, tão deslembados até da sua aliança!*

**Que tempos medonhos chegam, depois de tão dura prova?  
Quem vai saber, no futuro, o que se aprova ou reprova? De  
que alma é que vai ser feita essa humanidade nova? Que  
nomes têm hoje cavalos e cavaleiros? No Supremo? No  
Congresso?**

*Onde o gado que pascia e onde os campos e as searas?  
Onde o girassol redondo que nas cercas se inclinava? As casas  
estão caindo muito tristes, abraçadas. As cores estão chorando  
suas paredes tão fracas e as portas sem dobradiças e as janelas  
sem vidraças.*

*Cantai, pássaros da sombra sobre as esvaídas lavras.  
Cantai que a noite se apressa pelas montanhas esparsas. E  
acendem os vagalumes suas leves luminárias. Onde, ó santos,  
vossos olhos por esta igreja encantada com paredes de ouro  
puro e longas franjas de lágrimas?*

**Também a memória sofre, / e o heroísmo também cansa.  
Não choram somente os fracos.**

**Tiradentes já sabia que Patriotismo é sentimento de um  
destino compartilhado. E tinha dignidade para tanto. O seu  
valor moral se patenteou na inexcedível generosidade com  
que se portou no seu patriótico martírio.**

**Hoje! Oh! Hoje!**

**Só não vê, quem quer o país escravo de ideais vencidos,**

***Choro em teu pranto... sendo tu cheia de cicatrizes (Bilac)***

*Permanente como as grandes endemias que devastam a  
humanidade, universal como o vício, furtivo como o crime,  
solapador no seu contágio como as invasões purulentas,  
corruptor de todos os estímulos morais, como o álcool, ele  
zomba da decência, das leis e da polícia, abarca no domínio de  
suas emanações a sociedade inteira, nivela sob a sua  
deprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua  
promiscuidade indiferente até os mais baixos volutabros do lixo*

*social, alcança no requinte das suas seduções as alturas mais aristocráticas da inteligência, da riqueza, da autoridade e dos destroços das longas madrugadas do Cassino. Teriam sido essas palavras uma visão de Rui Barbosa para os nossos dias? E Tiradentes outra força encontraria?*

**Não sei que tempos nem que desgraça é essa nossa que nem mesmo a mais pura inocência acalma os malfeitores. O sol em nossos céus, fulge e dardeja. O ar pesado, entretanto, sufoca. Restam às pedras chorar.**

**Estamos em pleno redemoinho. Dois infinitos se estreitam num abraço insano. Qual dos dois, o céu? Qual dos dois, o inferno? Serão ambos um descaminho?**

*Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade tanto horror perante os céus?!*

*Ontem plena liberdade, hoje, acúmulo de maldade: liberdade, nem para morrer. A todos prende a mesma corrente: férrea, lúgubre serpente. Nas roscas da escravidão. E assim zombando da morte, dança a lúgubre coorte ao som do açoute... Irrisão!...  
**Desdenhosa zombaria***

**Ah Tiradentes, aquela sonhada nação pela qual deste a vida, está esfacelada, amargurada... Dado que voltares não podes, - se visses o tamanho da Corte e seus custos, arrancar-te-ias os cabelos - quem sabe inspirar-nos, fazer-nos crer que é possível construir ainda uma grande nação sedimentada na República e na Universidade... República garantidora da busca determinante do bem comum e da indefectível igualdade; universidade desconhedora de ideologias partidárias, incompatíveis com a construção do conhecimento. Tudo envolto, tudo enraizado, sedimentado, na liberdade, pois democracia sem liberdade é balela, é insanidade que a poucos interessa, porque vespas na vida. Liberdade qual sonho humano que não há quem a explique e ninguém que não a entenda. Liberdade, o maior dom que**

**dos deuses os homens receberam. Liberdade “primeiro compromisso de Minas”.**

**Comemorar Tiradentes me leva quase a dizer “*Não terás a terra em que nasceste*”. Mas meu grito é outro: ressuscitar, despertar para a vida, ouvindo, vendo, aplaudindo Tiradentes a nos lembrar que “*Se todos quisermos poderemos fazer deste país uma grande nação*”.**

*“Auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança”.*



Prof. João Bosco de Castro Teixeira - 21 de abril de 2024.  
Fotos: José Antônio de Ávila.

*João Bosco de Castro Teixeira*  
*www.patriamineira.com.br*



Atendendo ao convite do cerimonial e relembrando os 39 anos de falecimento de Tancredo de Almeida Neves, o professor João Bosco de Castro Teixeira depositou uma coroa de flores no monumento ao ex-presidente (foto: José Antônio de Ávila, 21.04.2024).



Pira com o *Fogo Simbólico da Liberdade*.  
Foto: José Antônio de Ávila, 21.04.2024